

**O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA ESCRITA:  
COMO SÃO OS TEXTOS QUE AS CRIANÇAS ESCREVEM? \***

ROXANE HELENA RODRIGUES ROJO  
PUC-SP

Uma visão da constituição do discurso escrito na criança carece, de nosso ponto de vista, de investigações sobre a história da constituição social do uso desta modalidade discursiva na criança, das diferentes condições de produção que enformam este uso, das diferentes estruturas discursivas que, neste processo, emergem e dos diferentes modos e estratégias de processamento que se constituem no processo de desenvolvimento/aprendizagem desta modalidade de linguagem.

É neste universo amplo de preocupações que nosso trabalho de doutoramento se insere. O recorte que privilegiamos para nossa investigação foi o da construção do discurso **narrativo** escrito no período imediatamente posterior ao da alfabetização (2ª a 4ª séries do 1º Grau Menor)<sup>1</sup> não só por ser um momento pouco investigado, como também, pela narrativa ser um discurso cuja constituição se dá na interação de contextos de oralidade e de letramento, constituindo-se, assim, num lugar privilegiado para a observação do desenvolvimento de linguagem como um processo, embora complexo, contínuo.

Nossa visão sócio-construtivista, acima referida, fazia ressaltar quatro pressupostos que nortearam as escolhas metodológicas: (a) um **pressuposto estrutural** a partir do qual hipotetizávamos que a criança, quando de sua entrada no **mundo da escrita** - e, especialmente, no contexto da escolaridade -, terá outras possibilidades de desenvolver o aspecto estrutural específico das narrativas de tipo **estória** - já em processo de constituição no letramento vazado na oralidade: a **superestrutura narrativa**; (b) um **pressuposto ontogenético** segundo o qual estas mudanças estruturais são vistas como decorrentes de um **processo de desenvolvimento** entendido como a (re)construção interacional de um **conhecimento** e de uma **prática** discursivos que encontrarão, a um só tempo, sua expressão e momentos de sua construção no produto textual; (c) um **pressuposto cog-**

**nitivo** a partir do qual o desenvolvimento de **processos metacognitivos** a respeito da estrutura do discurso narrativo também teria, um papel no desenvolvimento das práticas discursivo-textuais do sujeito e, finalmente, (d) um **pressuposto processual** que levaria a prever **mudanças no processamento** do texto narrativo em produção, com base nestas construções discursivo-cognitivas dadas pela prática social do sujeito.

Nossos objetivos eram, portanto, os de investigar (a) quais noções estas criança têm a respeito da estrutura do discurso narrativo no período investigado e quais as variações detectáveis nestas noções ao longo de sua escolaridade básica; (b) como estas variações no conhecimento a respeito do esquema narrativo escrito têm reflexo no produto textual das crianças a nível macro-estrutural; (c) possíveis diferenças nas estratégias de processamento na produção de textos escritos pelas crianças, na dependência do grau de desenvolvimento metacognitivo a respeito do discurso narrativo escrito e (d) que processos interacionais determinantes da construção deste conhecimento no letramento podem ser inferidos.

Nesta exposição, restringiremo-nos aos resultados ligados ao desenvolvimento mais propriamente estrutural e a inferências que puderam ser levantadas, a partir de uma combinação de metodologias quantitativas e qualitativas, sobre processos de desenvolvimento e processamento envolvidos na produção de narrativas destes sujeitos. Deixaremos de lado os resultados sobre os desenvolvimentos metacognitivos e processuais<sup>2</sup>.

A análise de um de nossos **corpora**, composto por 59 textos e sujeitos - sendo 17 de 2<sup>a</sup>, 21 de 3<sup>a</sup> e 21 de 4<sup>a</sup> série -, voltou-se para a explanação da previsão de um crescimento, de acordo com o avanço da escolaridade, do subtipo narrativo **estória**<sup>3</sup> e de um desenvolvimento da **superestrutura narrativa**<sup>4</sup>, traduzido, sobretudo, por uma expansão do **cenário** e das **categorias de ação**, especialmente, **complicação** e **resolução**. Remetemos a determinação deste desenvolvimento à emergência da relevância das condições de produção da narrativa escrita no processamento textual dos sujeitos, determinada esta, por sua vez, pelas condições estritas de produção da modalidade escrita do discurso em contexto escolar.

Os textos foram analisados segundo: (a) seu subtipo narrativo (relato ou estória); (b) as categorias superestruturais presentes e suas características de construção, por meio de análise quantitativa e classificação das proposições; (c) a presença de índices pragmático-interacionais da relevância das condições de produção da escrita no processo que engendrou o produto textual; e (d) o tipo de conhecimento de mundo ativado na construção da macro-estrutura textual e sua suposta fonte de origem.

Os itens (a) e (b) foram considerados, no processamento de dados, como variáveis dependentes. As variáveis independentes foram a

série e o sexo do sujeito. Foram colocados como fatores para a análise do ítem (c), a presença de **fragmentos polifônicos no texto**, o modo de constituição do **personagem** e o **tipo de discurso** (direto ou indireto) que estruturava as categorias de ação. O ítem (d) constitui-se num fator que foi cruzado com as variáveis dependentes.

Confirmamos parcialmente nossas previsões, na medida em que, de fato, verificamos um crescimento do subtipo **estória**, mas que seria insignificante na amostra, não fosse a flagrante diferença verificada entre meninos e meninas. No caso dos meninos, há um grande crescimento do subtipo na 4ª série. No caso das meninas, o subtipo que se incrementa é o **relato** (cf. ANEXO I). Existe, entretanto, desenvolvimentos superestruturais em todas as séries, nos dois subtipos.

Os textos dos sujeitos expandem-se consideravelmente de 2ª até 4ª séries. A expansão é menor em relatos que em histórias, mas em ambos os subtipos, o componente responsável pela expansão é o componente de ação.

Relatos têm sempre cenários mais expandidos que histórias, mas o cenário encontra-se presente nos textos desde a 2ª série, onde, inclusive, é mais expandido que as categorias de ação. A seguir ele sofre um processo de expansão que é, entretanto, menor que aquele do componente de ação. Sofre também um processo de diversificação de proposições, o que indica um desenvolvimento das formas de caracterização da cena que vai dos **estados de mundo** para uma diversificação das formas de caracterizar.

As **categorias de ação - seqüências de ação lineares** nos relatos e **complicação/resolução** nas histórias - são aquelas que mais se expandem nas três séries (cf. gráficos do ANEXO II). As **seqüências de ação**, menores que o cenário na 2ª série em relatos, expandem-se continuamente. Presentes também em um percentual mínimo de histórias de 2ª - inseridas entre a **suação inicial do cenário** e a **complicação** -, mesmo neste subtipo apresentam expansão progressiva.

Já a **complicação**, nas histórias, apresenta um crescimento de cerca de 11 proposições por texto de 2ª para 3ª série, mas, na 4ª, reduz-se em favor de um crescimento considerável do número de proposições componentes da **resolução**, que, por sua vez, apresenta um crescimento em progressão geométrica de 2ª a 4ª. As crianças, neste percurso, aprendem essencialmente a "resolver" as complicações que criam.

A categoria **desfecho** tem uma emergência também progressiva em relatos e histórias. Ausente nos relatos de 2ª, emerge em relatos de 3ª e se incrementa na 4ª. Presente desde o início, nas histórias também sofre expansão progressiva, sobretudo naquelas que apresentam a superestrut-

tura canônica da narrativa. Este parece ser o contexto privilegiado para a emergência de desfechos - a estrutura canônica de estórias -, mas estes emergem também em relatos e outras superestruturas de estórias. Além disso, esta categoria sofre também uma diversificação proposicional que vai das **fórmulas** fixas originárias de contos de fadas a uma diversidade de modos se de encerrar o discurso narrativo. Sobretudo na 3ª série, a presença de **fragmentos polifônicos** - interações com outras vozes envolvidas nas condições de produção do texto (leitor pressuposto, personagem, narrador, autor, professor como destinatário real, etc.) torna-se um modo frequente de se terminar uma narrativa.

Ao todo, pudemos identificar quatro procedimentos que se fazem produtivos na expansão das estórias e relatos: (a) a recursividade das categorias; (b) a utilização de fragmentos icônicos (desenhos e onomatopéias); (c) a utilização de seqüências de ação lineares entre o cenário e complicação ou entre a complicação e a resolução de algumas estórias e, finalmente, (d) a utilização de interações com as diferentes vozes participantes do contexto de produção do discurso. Estes procedimentos não se fazem produtivos em quaisquer categorias superestruturais indiferentemente. Pelo contrário, os procedimentos (a) e (c) são próprios à expansão dos componentes de ação; no procedimento (b), verifica-se a utilização de desenhos sobretudo em cenários e desfechos e do procedimento do uso de onomatopéias nas categorias de ação. O procedimento (d) ocorre sobretudo em desfechos e, às vezes, em complicações. Um último e quinto procedimento, que provoca a expansão das categorias de ação e que foi identificado como mais frequente em 3ª série, é o recurso de vazar as categorias de ação em discurso direto entre os personagens.

Entretanto, os aspectos mais ricos deste processo de desenvolvimento podem ser inferidos do cruzamento dos dados mais propriamente estruturais com os índices de relevância das condições de produção do discurso, por um lado, e com a fonte suposta de origem do conhecimento de mundo ativado, por outro. Os fatores aí analisados indicam uma inter-relação complexa e dialética entre contexto de produção, ficcionalização e estrutura textual, na medida em que os dados remetem a uma interação entre o crescimento estrutural e da relevância das condições de produção e um outro processo, que poderíamos chamar de processo de **objetivação** por meio da **emergência da autoria** (de LEMOS (em prep), (ORLANDI (1975)), processo esse caracterizado por diversos procedimentos de constituição das vozes do texto: sujeito, personagens, narrador, autor.

O que se percebe aqui é um desdobramento do sujeito entre suas máscaras e um desdobramento de seus interlocutores em papéis-máscaras, provendo uma polifonia do texto que, mais que polifonia, é índice

de um processo de ficcionalização do sujeito que se ins/escreve em suas máscaras (personagem, narrador, autor), responsável pela objetivação do sujeito e do mundo textual como construto.

Creemos que os dados que aqui serão expostos podem levar a escola em geral a repensar estratégias e propostas de intervenção na constituição de narrativa escrita dentro de uma **zona proximal de desenvolvimento**.

## NOTAS

\* Este texto é um resumo de uma comunicação apresentada no Simpósio Teses de Doutorado Recentes no IIº Encontro Anual da ABRALIN onde expunhamos parte de nossa tese de doutoramento **O Desenvolvimento da Narrativa Escrita: “fazer pão” e “encaixar”**.

1. A escola escolhida para as coletas de dados foi uma escola privada da Capital de São Paulo (Escola Experimental Vera Cruz), que atende a clientela de camada média a alta e de alto acesso cultural.
2. Para uma visão mais ampla do trabalho, cf. ROJO (1989a), (1989b) ou mesmo ROJO (no prelo).
3. Trabalhamos aqui com uma classificação dos subtipos narrativos que os divide em **relatos** (miméticos e históricos) e **estórias** (românticas e didáticas), conforme uma discussão dos subtipos que figuram em PERRONI (1983) e em SCHOLETS & KELLOG (1976). Consideramos **relatos** aquelas narrativas que mimetizam o universo empírico e cuja estrutura encontra-se na dependência das ações e eventos efetivamente ocorridos, logo, não necessariamente apresentando as relações de causalidade expressas nas categorias superestruturais complicação/resolução, sua estrutura estaria próxima à uma Lógica de Ações (Von WRIGHT (1968)). Já as **estórias** teriam a filtragem e representação lingüística dos acontecimentos no discurso narrativo regida por uma restrição adicional, devida às diferentes condições de produção das modalidades oral e escrita do discurso que a enformaram na filogênese: a superestrutura narrativa.
4. O conceito da **superestrutura** que adotamos é originário dos trabalhos de Van DIJK, caracterização pelo autor como uma “... estrutura esquemática convencional e portanto culturalmente variável, uma forma global que organiza as macro-proposições (o conteúdo global do texto” (Van DIJK & KINTSCH (1983: 16). Interpretamos a convencionalidade apontada pelo autor no mesmo sentido das **crystalizações de esquema** de BAHKTIN (1930) que são determinadas por alterações históricas nas condições de produção e recepção dos discursos. O esquema superestrutural que adotamos para as narrativas de tipo estória é o mesmo proposto por Van DIJK, com base em LABOV & WALETSKI (1967), i.e., a presença de um **cenário**,

de pelo menos uma **complicação** e sua conseqüente **resolução**, seguidos de um **desfecho** que para nós pode abranger **avaliação, moral, coda** e outros dispositivos de finalização narrativa, como **fórmulas**, por exemplo.

## **BIBLIOGRAFIA**

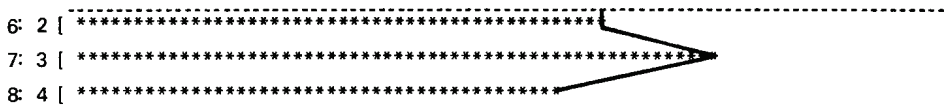
- BAKHTIN, M. (1930) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP: Hucitec, 1981.
- Van DIJK, T.A. & KINTSCH, W. (1983) **Strategies of Discourse Comprehension**. NY: Academic Press.
- LABOV, W. & WALETSKI, J. (1967) Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In J. Helm (org) (1967) **Essays on the Verbal and Visual Arts**: 12-44. Seattle: Washington U.P.
- de LEMOS, C.T.G. (em prep) **Aprendendo a Dizer "Eu"**.
- ORLANDI, E.P. (1975) Nem escritor, nem sujeito: apenas autor. In E.P. Orlandi (1988) **Discurso e Leitura**. Campinas: EDUNICAMP: 75-82.
- PERRONI, M.C. (1983a) **O Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- ROJO, R.H.R. (1989A) **O Desenvolvimento da Narrativa Escrita: "fazer pão" e "encaixar"**. Tese de Doutorado.
- (1989b) Metacognição e Produção de Textos: o que as crianças sabem sobre os textos que escrevem? **Boletim da ABPP**, 17: 39-56. SP: ABPP.
- (no prelo) o Desenvolvimento da Narrativa Escrita: como são os textos que as crianças escrevem? **Boletim da ABRALIM**, 11. RJ: UFRJ/ABRALIM.
- (no prelo) Modelos de Processamento em Produção de Textos: suas decorências para a prática escolar escrita. **Estudos Lingüísticos XVIII**. SP: USP/GEL.
- SCHOLES, R. & KELLOGG, R. (1976) **A Natureza da Narrativa**. SP: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- Von WRIGHT, G.H. (1968) **Un Ensayo de Lógica Deóntica y la Teoría General de la Acción**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, **Caderno 33**, 1976.

ANEXO I

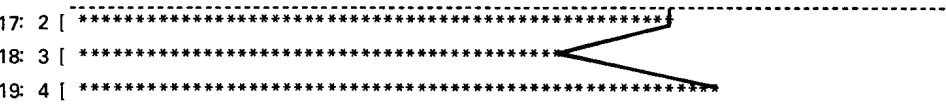
PERCENTUAL DOS SUBTIPOS RELATO/ESTÓRIA

- 1:
- 2:
- 3:
- 4:
- 5:
- 6:
- 7:
- 8:
- 9:
- 10:
- 11:
- 12:
- 13:
- 14:
- 15:
- 16:
- 17:
- 18:
- 19:
- 20:
- 21:
- 22:
- 23:
- 24:
- 25:
- 26:
- 27:
- 28:
- 29:
- 30:
- 31:
- 32:
- 33:

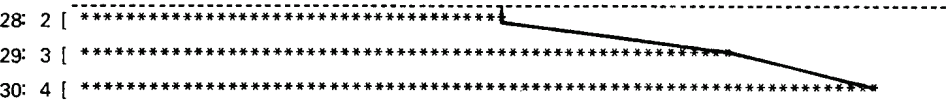
QUADRO 1: PERCENTUAL DE RELATOS NAS SÉRIES



QUADRO 2: PERCENTUAL DE ESTÓRIAS NAS SÉRIES



QUADRO 3: PERCENTUAL DE RELATOS DE MENINAS NAS SÉRIES



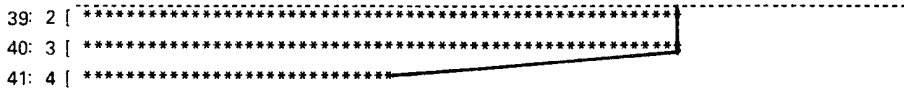
34:

35: QUADRO 4: PERCENTUAL DE RELATOS DE MENINOS NAS SÉRIES

36:

37:

38:



42:

43:

44:

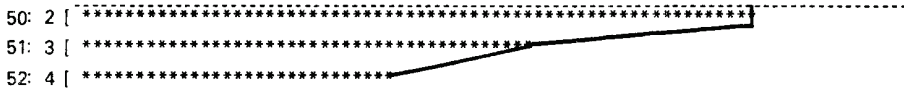
45:

46: QUADRO 5: PERCENTUAL DE ESTÓRIAS DE MENINAS NAS SÉRIES

47:

48:

49:



53:

54:

55:

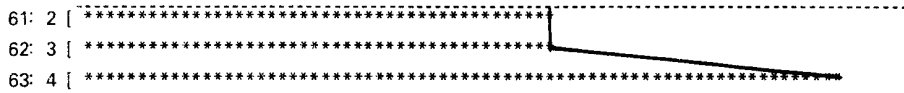
56:

57: QUADRO 6: PERCENTUAL DE ESTÓRIAS DE MENINOS NAS SÉRIES

58:

59:

60:



64:

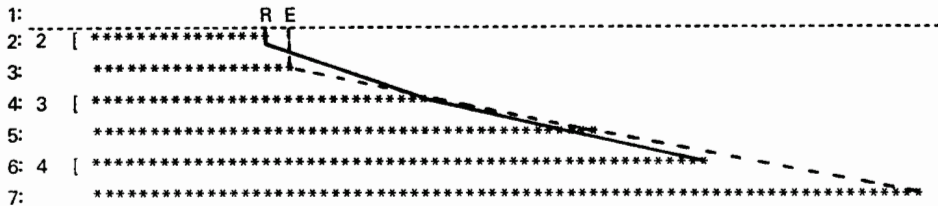
LEGENDA DA PRÓXIMA PÁGINA:

- R: relato ———
- E: estória - - - -
- S: cenário ———
- A: seqüências de ação lineares - - - -
- C: complicação - . - . - . - .
- R: resolução . . . . .
- D: desfecho - X - X - X - X

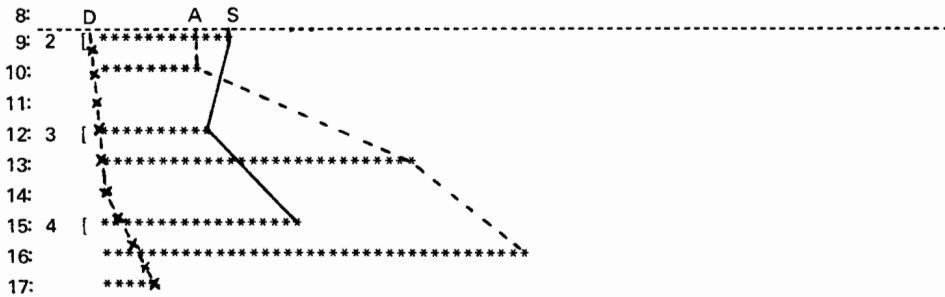


**ANEXO II**  
**NÚMERO MÉDIO DE PROPOSIÇÕES POR TEXTO E POR CATEGORIAS**  
**SUPERESTRUTURAS NO TEXTO**

**a. RELATOS E ESTÓRIAS:**



**b. RELATOS:**



**c. ESTÓRIAS:**

